

1

O GRANDE RIO

Quim

Era uma vez um menino da aldeia que ficava do lado de lá do grande rio. Lá, onde se via mais homens e menos animais.

Ele era jovem, mas muito esperto. Andava por toda parte, falava pouco, mas corria muito. Sua maior diversão era admirar o grande rio. Tão grande, tão forte, tão transparente, tão gelado e tão cheio de vida.

O menino, conhecido como Quim, era neto de Oli, um homem importante por ser um dos fundadores de sua aldeia, curandeiro e um grande contador de histórias. Oli era pai de Ava, mãe de Quim.

Quando o menino ainda era pequeno, ela viajou em busca de um trabalho novo. Queria uma vida diferente para o seu filhote. O tempo passou, e Ava não voltou. O menino pouco conheceu a mãe. Dela guardava apenas um amuleto que o avô havia colocado em seu pescoço.

Quim era muito bem cuidado por Oli, que lhe ensinava coisas sobre a vida e o desaparecer, sobre os homens e os animais. O seu jeito de ensinar era através de histórias, diversas histórias, que ele contava o dia todo.

Quim adorava o avô, mas às vezes ficava cansado de ouvir, ouvir e ouvir o velhinho falar. Sempre que podia, escapava para as margens do grande rio. E ali ficava hipnotizado sonhando com as suas próprias histórias. Todas elas nasciam naquele rio.

Um dia o menino estava deitado na grama olhando para o céu. Ele contava as nuvens que passeavam lá no alto e se divertia com as suas formas. Para ele as nuvens eram feitas do mais branco algodão, eram fofinhas e quentinhas e estavam em todos os lugares. Depois de algum tempo, o menino se levantou, ainda olhando para o céu, e começou a caminhar de volta para a cabana, quando escorregou e caiu no rio. Quim não sabia nadar, mas sabia boiar e puxar a água com os braços, o que o levou para a margem e de volta a terra. Assustado e todo molhado, ele respirava rápido e procurava se acalmar. Ele não era dos pequenos que choravam por tudo. Ele era forte. Era neto de Oli.

Quando se acalmou, percebeu que ao seu lado estava um pedaço de nuvem, fofinho, macio e quentinho. Satisfeito, pegou o pedaço de nuvem e começou a se secar. Ele estava certo, as nuvens eram feitas de um algodão quentinho. Mas, de repente, a nuvem fez barulho. Opa, nuvens branquinhas não emitem sons e não se mexem sem parar. Alguma coisa estava errada. Quim levantou a nuvem na altura de seu

rosto e se deparou com dois olhos vermelhos e duas orelhas enormes. — Oooowww, que fofa!

Uma nuvem trêmula, molhada, despenteada e de olhos arregalados olhava para ele.

E então a nuvem falou:

— O que você pensa que está fazendo?

— Quim está molhado e precisa de uma nuvem quentinha para se secar.

— Nuvem, que nuvem? Eu sou um coelho!

— Co-e-lho? Este é o seu nome, nuvem quentinha?

— Não, não, não, eu sou um animal, e não uma nuvem!

— Quando as nuvens tocam o chão elas viram coelhos?

— Não, não e não. Você passa muito tempo olhando para cima e não vê o que está acontecendo aqui embaixo. Eu sou um animal, um coelho. E moro nesta grama, na minha toca, um buraco no chão onde guardo cenouras. Entendeu?

— Cenouras? Eu adoro cenouras!

— Era só o que me faltava. Primeiro você me confunde com uma nuvem, depois me usa como pano, e agora quer comer as minhas cenouras?

— Aham, eu quero comer as suas cenouras!

O coelho pulou no chão e saltitou o mais rápido que pôde em direção à sua toca. Ele não queria mais conversa, esse não parecia ser o seu dia de sorte. Quim o seguiu, não exatamente saltitando, mas dando os seus melhores pulos. E, ao chegar à frente da toca, se abaixou e disse:

— Oba, onde estão as cenouras?

Lello, o coelho, bufou e atirou duas cenouras para fora da toca, pensando que assim o menino o deixaria em paz. Quim deu um grito de felicidade e falou:

— Nuvem pequena, eu te adoro!

Lello foi pego de surpresa. Sorriu. Havia muito tempo que ele vivia sozinho. Havia muito tempo que ele observava, curiosamente, a evolução daquele filhote de homem. O coelho então, respondeu:

— Sempre vou ter cenouras para você, pequeno filhote de homem!

Quim sorriu. Ele estava feliz por descobrir que as nuvens eram branquinhas, quentinhas, fofinhas e escondiam cenouras.

Você sabia que no Golfo de Bengala os povos que vivem nas florestas são chamados de bengalis ou hindus?

Os companheiros

Na aldeia de Quim e Oli havia alguns animais companheiros de homens e de mulheres. A senhora de cabelos brancos puxava uma vaca, a jovem de cabelos longos montava um cervo, o homem de braços fortes era seguido por uma raposa e o magricelo não saía de casa sem a sua cabra. Até Oli fazia os seus passeios noturnos para vigiar a aldeia, acompanhado de sua coruja. Quim olhava para eles e suspirava, qual seria o meu companheiro? O menino ficava espiando os diferentes animais e pensando: um animal tem que combinar comigo, mas qual?

Passava a manhã olhando as formigas... muito organizadas. A tarde espiando os peixes... tão sem graça. A noite perseguindo os sapos... um pouco nojentos. Onde está ele?

O meu companheiro tem que se parecer comigo. Tem que ser esperto, forte e bonito. O menino riu sozinho, fazendo poses no reflexo das águas do grande rio. Onde estará ele?, repetiu pensativo.

Um dia, chutando pedrinhas enquanto caminhava, Quim parecia desanimado. E e... não, mas e... não, ah... também não. Como é difícil encontrar um animal que combine comigo!, dizia ele. Um som forte vindo de cima chamou sua atenção. Um som agitado e familiar, som de bagunça! Ele não tinha falado que era um menino bagunceiro, mas não podia negar

que do tema entendia muito bem. Quim abriu um sorriso e começou a seguir o som que se movia rapidamente, pulando de galho em galho.

Macacos me mordam! Isto mesmo, um macaco tem que combinar comigo! Agora eu só preciso contar isso para ele!

Quim nunca tinha subido em árvores... altas. E agora? De galho em galho, ele planejou chegar até lá em cima, perto das nuvens, onde o seu companheiro estaria esperando por ele. Decidido, começou a escalar a árvore mais próxima à barulheira dos macacos. Mão direita, pé esquerdo, mão esquerda, pé direito, repete... O pé escorregou e, puff, ele caiu no chão. Ai ai ai ui ui! Determinado, o menino se levantou e recomeçou a subida, mas no meio do caminho se desequilibrou e puff. O bumbum bateu outra vez no chão. Alguns ai ai ai ui ui depois, e um menino de cabeça baixa pensou: não vou conseguir chegar até ele... Mas o que Quim não sabia é que, lá no alto, outro filhote enfrentava as suas próprias dificuldades. Nico era um macaquinho novo que se esforçava para acompanhar o bando. Pular de árvore em árvore ainda era um grande desafio.

O barulho se distanciou, e o menino bufou. “Eles se foram!” Na mesma árvore, alguns galhos logo acima, o macaquinho também sentiu a partida do bando. “Eles se foram!” Sei que vão voltar, mas ainda vão demorar. Nico também bufou.

Desiludido, Quim começou a voltar para sua cabana. Sua barriga roncava avisando que ele tinha perdido o jantar. O menino subiu em um banquinho do jardim, feito do toco de uma árvore, e pela janela da cabana pegou algumas

frutas. Sentou-se no mesmo banquinho e começou a comê-las, acompanhado de um longo suspiro.

— Opa, um suspiro? Mas eu não suspirei, quem...!?

Ele não terminou a frase. Ao seu lado, um macaquinho faminto olhava para ele. O animal era pequeno, tinha o pelo negro e o contorno do rosto branquinho como se estivesse usando uma máscara. Seu rosto era delicado e parecia muito com o de um humano. O menino pensou: ele é perfeito!

Nico e Quim dividiram bananas, maçãs, tamarindos, histórias sobre galhos, árvores, tombos, gargalhadas e abraços. Os dois filhotes descobriram que não estavam sozinhos.

O grande rio

Quim acordou cedo e para o grande rio correu. A força de suas águas dividia a aldeia da floresta. Quim adorava a força do rio. Olhava para o grande rio como se esse fosse mágico. Seu avô Oli contava muitas histórias sobre o grande rio. Todas elas falavam sobre a força que os separava do perigo. Quim ficava cada vez mais curioso. Ele não conhecia perigo. A aldeia era calma. Não acontecia muita coisa por ali. Mas, segundo seu avô, o perigo eram os animais, animais de todos os tamanhos e com diferentes personalidades. Quim não entendia bem o que ele queria dizer com personalidade. Olhava para os animais que via pela aldeia e não conseguia ver perigo nem a tal da personalidade na vaca, na cabra, nos peixes e nos sapos. Ele até gostava dos chifres do cervo, mas nunca tinha chegado muito perto dele. A raposa, sim, o deixava desconfiado, e dela ele queria distância. Com Lello e Nico era diferente, eles se entendiam e se divertiam, perigo nenhum havia ali.

Nesse dia as águas do grande rio estavam realmente fortes, a chuva dos últimos dias havia deixado o rio mais caudaloso, mais rápido, mais barulhento e muito mais convidativo. Quim corria por sua margem e, com o dia ensolarado, mergulhava a cabeça para olhar os peixes. Ele não sabia bem se o colorido que refletia nas águas vinha dos peixes,

das pedras lá do fundo ou dos raios de sol que perfuravam a água. Precisava espiar para descobrir e, para isso, deitava-se na margem do rio e afundava a cabeça, com os olhos bem abertos, até a respiração faltar. Seu amuleto carregava uma pedra retirada das profundezas do grande rio. Diziam que sua mãe era uma grande nadadora e que tinha mergulhado para buscar a pedra mais bonita que o grande rio já teve. Essa pedra era transparente, refletia diversas cores, era praticamente inquebrável. E para Ava representava força e equilíbrio. Quando ela partiu, deixou o amuleto para Quim.

Nico apareceu de repente e chamou a atenção do menino.

— Você é muito atrevido, um dia vai cair nessa água e de lá não conseguirá sair.

— Pare com isso, Nico! O rio me conhece. Eu converso com ele todos os dias. A gente se entende. Um dia eu caí na água e boiei, depois usei os meus braços para chegar à margem e voltar à terra firme. Foi muito fácil, eu imitei o movimento dos sapos. Não tive medo, escondeu Quim.

Nico não pareceu acreditar:

— Quem você quer enganar? Aposto que foi um grande susto!

— Tá, tá, eu tive um pouco de medo, mas passou quando vi que sou capaz de nadar como os sapos.

Uma voz conhecida então falou:

— Quim, não engane o seu amigo. Aquele não foi um dia fácil. Eu estava por perto e vi tudo.

— Oi, tudo bem, Lello? Você não deve ter visto direito — disse o menino. — Agora, um bom mergulho deve ficar para os dias de águas mais calmas. Hoje o grande rio está agitado, choveu muito esta semana, não é o melhor dia para mostrar as minhas habilidades de nadador.

Nico e Lello se olharam e disfarçaram sorrisos.

Quim se irritou:

— Vocês vão ver, quando o grande rio se acalmar, eu vou mergulhar, nadar e provar para vocês que sou como um sapo dentro d'água.

Mais uma vez, a barriga de Quim chamou a sua atenção, e ele encontrou a desculpa perfeita para voltar à cabana para o almoço. Oli já procurava por ele. Quim despediu-se dos amigos e correu sem desviar os olhos do grande rio.

Enquanto caminhava, pensava: “A gente se entende, a gente se respeita, e eu vou aprender a nadar para poder brincar em suas águas, grande rio!”. O menino estava decidido.

Você sabia que o delta do Ganges é o maior delta do mundo e desemboca no Golfo de Bengala? Um delta é o lugar onde o rio se divide em vários caminhos e forma um desenho que parece um triângulo.

O plano

Quim tinha o pensamento fixo em aprender a nadar! Se os peixes podem, se os sapos podem, se as cobras podem, e se até as tartarugas podem, por que ele não poderia? O menino de 8 anos era corajoso, mas, assim como os meninos de sua idade, não entendia bem o significado da palavra risco. Sabia que, se não tomasse café da manhã, corria o risco de ficar com fome, que se não tomasse banho, corria o risco de ficar com cheiro ruim, e que se não dormisse cedo, corria o risco de passar o dia com sono. Esses eram os riscos conhecidos. Talvez a palavra risco fosse usada por ele em sua forma mais leve, mas era como ele a entendia.

Na manhã seguinte, Quim perguntou a Oli se ele sabia nadar como os sapos. O avô olhou para o menino e deu uma gargalhada.

— Como os sapos, não, mas já fui um grande pescador, e todo pescador sabe nadar. Aprendi a mergulhar e nadar com os felinos — disse o velhinho, começando a contar uma de suas histórias encantadoras.

Quim ouviu com atenção, mas depois ficou pensativo: “Felinos, que felinos?”. Ele nunca tinha visto um felino nadador. O menino só conhecia alguns gatos-cabeça-chata, que até se molhavam, mas só quando estavam com muita fome. Ele desconfiava... seria o seu avô um grande aventureiro ou

um grande contador de histórias para encantar crianças e distrair a aldeia?

Quim parecia preguiçoso, mas na verdade estava quieto, arquitetando um plano para aprender a nadar. A época de chuvas não o animava, pois o grande rio não parecia querer se acalmar. Ele caminhava por sua margem por longas distâncias e não encontrava um bom lugar para entrar na água. Então sentava na maior curva do grande rio, aos pés da velha árvore, para pensar.

De repente, uma grande ideia surgiu em sua cabeça: “Vou separar o treino dos braços do treino das pernas e assim não preciso colocar o meu corpo todo na água para aprender a nadar. Que ideia genial!”, pensou ele. Encarou o grande rio e, sentado de pernas cruzadas, colocou a mão na água gelada para medir a sua força. Estremeceu, mas não desanimou. Fechou os olhos, juntou as mãos e fez um pedido ao grande rio.

— Que o nosso encontro seja de paz, que as suas águas me abracem e façam de mim um grande nadador como foi o meu avô. E como dizem que foi a minha mãe.

Quim deitou-se às margens do rio, colocou a cabeça, o pescoço, os ombros e os braços dentro da água, mantendo a outra metade de seu corpo em terra firme. Movimentava os braços como os sapos e abaixava a cabeça para depois levantar e respirar como as tartarugas. A água estava bem gelada, mas, apesar das frequentes pancadas de chuva, o dia estava quente. Era época das chuvas de verão. Ele repetiu

os movimentos muitas vezes e certa confiança começou a animá-lo. O treino estava funcionando!

Os peixes, os sapos e as tartarugas não pensavam como ele. Os animais olhavam para o menino atentamente, mas não pareciam acreditar no que estavam vendo. Aquele filhote de homem era muito jovem, tinha a metade do tamanho dos filhotes que eles viam encarar o grande rio... O que ele estaria pensando em fazer?

Ele não sabia nadar

A semana acabou, e no céu uma lua nova apareceu. Quim não conseguia dormir. Ele sabia que a lua encantava as águas e que os dias de lua nova eram dias mais secos. E sabia também que os dias mais secos deixam as águas dos rios mais tranquilas.

— Amanhã será o meu dia, um grande dia. Eu vou nadar!

Naquela noite, as estrelas trabalhavam sozinhas para iluminar o céu, pois uma lua preguiçosa pouco mostrava a sua cara. Pendurado na janela da cabana, o filhote de homem sonhava acordado com as aventuras de um grande nadador.

Não demorou para que o sol aparecesse — o sol sempre acordava antes dos moradores da aldeia. Seu povo era trabalhador, mas não era madrugador. Poucos eram aqueles que se levantavam com o sol. Os primeiros raios começaram a perfurar as águas, e foi pela janela mesmo que Quim deixou a cabana.

— Se eu começar o treino logo cedo, quando todos acordarem estarei nadando melhor que os sapos.

Ele corria acompanhando as águas do grande rio até chegar ao seu lugar favorito, a curva ao lado da velha árvore. Nesse ponto o rio era mais estreito, pois a árvore entrava pela água, fazendo com que a outra margem não parecesse estar tão longe.

Começou o treino pelas pernas. Deitou-se no chão deixando as pernas e a cintura dentro d'água e repetiu diversas vezes o movimento de pernas feito pelos sapos. O menino se mexia bem, mas ainda faltava muito para nadar bem. Só que ele não sabia disso. Quim seguiu com o treino até que uma forte rajada de vento aumentou a força das águas, e o menino foi puxado para dentro do grande rio. Ele estava todinho dentro d'água. Assustado, começou a combinar os movimentos dos braços e das pernas. Ele não afundava, mas também não nadava. E enquanto isso, o rio o levava... Ele gritou pelo avô, por Lello, o coelho, e por Nico, o macaco. Mas era muito cedo, e ele não foi ouvido. Àquela hora, nem mesmo a coruja de Oli estava acordada, ela normalmente se deitava antes dos primeiros raios de sol.

Conforme ele descia o rio, o terreno ia ficando mais inclinado, a aldeia mais distante, e as águas mais fortes. Ele não engolia água e parecia nadar, mas não chegava a alcançar a margem do lado da aldeia nem a margem do lado da floresta. Ele não conseguia entender por que o seu treinamento não estava funcionando. O plano era perfeito, mas talvez perfeito apenas em sua cabeça.

Olho no olho

Quim não conseguia sair da água. A aldeia já havia ficado para trás. E o grande rio se movia cada vez mais rápido. O menino conversava com o rio enquanto, corajosamente, continuava movendo pernas e braços, lutando para não afundar.

— Grande rio, você me conhece e eu te admiro. Eu só queria aprender a nadar para ficar mais perto de você. Eu acreditei em você. Não me abandone. Não quero afundar, não quero desaparecer. Se eu não puder aprender a nadar, por favor, me deixe viver.

Cansado e choroso, ele repetia os movimentos e também o seu pedido ao grande rio, mas seus esforços pareciam não funcionar. O terreno começou a ficar íngreme. Quim não conhecia mais a região e não imaginava que, um pouco mais adiante, o rio começaria uma longa descida. Percebeu as ondulações nas águas, lembrou-se das histórias de seu avô e se apavorou. Procurou por galhos, troncos, pedras, por qualquer coisa em que pudesse se agarrar, mas nada parecia estar ao alcance de suas mãos.

Exausto, ele voltou a gritar, mas ninguém parecia ouvi-lo. Olhando para trás, na direção da correnteza, avistou uma grande pedra no meio do rio. Usou toda a força que encontrou para se mover em direção a ela. Quim agarrou a pedra e lá ficou. Ele estava finalmente parado.

O menino estava no meio do rio, a água batia forte em suas costas, mas, apesar do frio e da exaustão, ele não estava mais sendo arrastado. Um choro muito alto tomou conta do lugar, seus soluços se misturavam com o barulho das águas. Ele não gostava de chorar, mas já não conseguia mais se controlar. Enquanto as lágrimas rolavam, ele girava a cabeça de um lado para o outro procurando por uma saída. Olhava para cima à procura de cipós, mas eles estavam muito longe. Olhava para baixo à procura de outras pedras mais próximas às margens, mas elas não estavam lá. Olhava para a margem da aldeia procurando por homens ou animais conhecidos, ou até mesmo desconhecidos, mas não parecia haver ninguém acordado. Ele então virou-se na direção da margem da floresta e um colorido diferente chamou a sua atenção. Alguma coisa grande, fofa, laranja e molhada tremia em meio às folhagens. Ele não conseguia saber o que era.

Na margem da floresta, outro filhote enfrentara o seu próprio desafio e agora recuperava a respiração encolhido na beira do rio.

Quim voltou a gritar, e o seu choro foi ficando ainda mais alto. Será que aquele animal poderia ajudá-lo?

Trevor levantou a cabeça irritado com o barulho. Seus olhos cruzaram-se com os de Quim e, ao ver o desespero do filhote de homem, Trevor se lembrou de sua queda nas águas do grande rio, da força da correnteza, de sua luta para chegar à margem, de sua família e de suas terras que haviam ficado para trás, estremeceu. Não queria entrar na água, ele nem gostava de banho, mas não conseguia tirar os olhos do

menino que, como ele, lutava para sobreviver. O filhote de homem parecia forte, apesar de jovem, mas, se ele afundasse, iria desaparecer.

Desaparecer era o que os homens da aldeia e os animais da floresta falavam sobre aqueles que não estavam mais entre eles. Eles não davam um nome, apenas sentiam a sua falta.

No início, Trevor não se mexeu, mas também não tirou os olhos do menino. Mas depois cedeu. De tanto ouvi-lo gritar, decidiu mergulhar. Essa foi a primeira vez em que Quim viu um felino nadar. Era magnífico, era perfeito, mas seria a sua salvação? Trevor se aproximou da pedra, mordeu Quim pela cintura e puxou. Aterrorizado, Quim tentou se manter agarrado à pedra, mas suas forças o abandonaram. Ele desmaiou de dor, cansaço, tristeza e, acima de tudo, de medo.

Você sabia que o tigre-de-bengala tem pelos curtos alaranjados com listras pretas, mas as patas e a parte de baixo de suas pernas são brancas? Um tigre-de-bengala pode pesar até 260 kg e consegue correr a 60 km/h. Ele é o carnívoro terrestre que tem as maiores presas e garras, que podem chegar a 10 cm de comprimento.

Ele desapareceu

A aldeia começava a acordar, e via-se para lá e para cá o movimento de seus moradores. Ela era pequena e tinha ruas estreitas. Todos se conheciam e se gostavam. Eram como uma grande família.

Naquela manhã, porém, as margens do grande rio estavam mais silenciosas, o que gerou um grande estranhamento a todos. Onde estaria Quim, o filhote do rio? Era assim que o menino era conhecido na aldeia, por passar muitas horas admirando e brincando às margens que separavam a aldeia da floresta. Oli parecia aflito, procurava o neto por toda parte, caminhou por todas as ruelas, passou por todas as cabanas, conversou com todos os seus moradores e também com todos os animais que ali viviam, mas ninguém tinha visto o menino.

O avô correu para a margem do grande rio e começou a descer por ela até alcançar a velha árvore, onde então ajoelhou-se e rezou. Ele sabia que o menino tinha estado ali. A terra mostrava as pegadas da criança. Não demorou muito para que Lello e Nico aparecessem. Preocupados, o coelho e o macaquinho fizeram as suas próprias buscas, pelos buracos do terreno e pelas copas das árvores, mas também não encontraram sinais do menino. Juntaram-se a Oli. Rezaram,

pediram e choraram pelo amigo. Alguma coisa dizia a eles que Quim não havia desaparecido, o que era difícil de acreditar. Os três não tinham dúvida de que o menino havia enfrentado o grande rio e agora apenas torciam para que ele tivesse sido poupado.

Na aldeia um grande ritual foi realizado para que Quim ficasse vivo no coração de todos, mesmo que as buscas por ele não fossem parar. Todos os homens e animais da vila pediam para que, em algum lugar, o menino estivesse bem, mesmo que fosse em um lugar distante.

Apesar da lua nova, as chuvas voltaram naquela tarde, e o grande rio ficou mais barulhento. O céu e as águas pareciam sentir saudades do menino, o filhote do rio.

Oli, Lello e Nico ficaram juntos e calados naquele dia e em todos os dias que se seguiram.

2

OS DESAFIOS DA FLORESTA

Na margem da floresta

Um Quim assustado abriu os olhos. Ele estava deitado na margem do rio, estava seco e coberto por um pesado manto laranja. Seu corpo todo doía, um galo em sua cabeça indicava que sua última aventura havia sido perigosa, mas ele não se lembrava dela. Na cintura, alguns cortes pareciam marcas de dentes, o que o deixou surpreso. Quem teria feito aquilo? Tentou se mexer, mas não conseguiu. Alguma coisa realmente pesada o mantinha no chão. E então ele ouviu, pela primeira vez, uma voz grossa e rabugenta:

— Você é corajoso para um jovem filhote de homem. O que estava fazendo dentro do grande rio? — perguntou Trevor.

— Quem é você e por que está me mantendo preso? — respondeu Quim.